

# **Inventariando ausências: literaturas brasileira e quebequense contemporâneas em perspectiva**

## **Inventorying Absences: Contemporary Brazilian and Quebec Literature in Perspective**

Zilá Bernd<sup>1</sup>

Tanira Rodrigues Soares<sup>2</sup>

*Submetido em 27 de novembro e aprovado em 2 de dezembro de 2019.*

*Noi siamo la mostra memoria.*

*Umberto Eco.*

**Resumo:** Análise de *O inventário das coisas ausentes* (2014), de Carola Saavedra, da literatura brasileira, e de *La ballade d'Ali Baba* (2014), de Catherine Mavrikakis, da literatura quebequense, no rastro das ausências paternas e da importância da escrita autobiográfica/autoficcional deixada, em forma de diários, como herança enigmática dos que se ausentaram na esperança de que seu legado possa ser transmitido, desbaratando os emaranhados fios da memória e do tempo. Pretende-se mostrar que a memória não é um dever, mas um dom legado pelos que desaparecem a seus descendentes ou a seus ascendentes com elevado potencial de resistir ao tempo, pois é “no movimento incessante das palavras e das figuras que a memória se diz e se revela” (Pierre Ouellet, 2012, p. 8).

**Palavras-chave:** Invisibilidade. Ausência. Transmissão intergeracional. Literatura Brasileira. Literatura do Québec.

**Abstract:** Analysis of Carola Saavedra's *Inventory of the Missing Things* (2014), Brazilian Literature, and Catherine Mavrikakis's *La Ballade d'Ali Baba* (2014), from Quebec literature, in the wake of parental absences and the importance of autobiographical/autofictional writing. It is left in the form of diaries as an enigmatic inheritance of those who have been absent in the hope that their legacy can be passed on, unraveling the tangled threads of memory and time. It is intended to show that memory is not a duty, but a gift bequeathed by those who disappear to their descendants or their ascendants with a high potential to resist time, for it is “in the incessant movement of words and figures that memory is said and reveals itself” (Pierre Ouellet, 2012, p. 8).

**Key-words:** Invisibility. Absence. Intergenerational transmission. Brazilian Literature. Quebec Literature.

## Introdução

O presente artigo visa ressaltar ausências na vida dos narradores de *O inventário das coisas ausentes* (2014), de Carola Saavedra, da literatura brasileira, e de *La Ballade d'Ali Baba* (2014), de Catherine Mavrikakis, da literatura quebequense, numa tentativa de apontar tais invisibilidades como uma tendência forte nas literaturas do extremo contemporâneo nas Américas. Desvelar, no âmbito familiar, o que ficou elidido, sendo o romance uma tentativa de subsumir o que o passado ocultou, ou deixou de ser revelado, abrir o baú dos guardados nos porões familiares e pôr a nu os não-ditos e os não-revelados, configurando-se na aposta maior do romance de autoria feminina no momento.

Em estudos anteriores<sup>3</sup> definimos o romance de filiação, com apoio nos textos de Dominique Viart (2008), como uma variante da autoficção com a característica da utilização do subterfúgio de focalizar a narrativa na vida de um ancestral (pais, avós), numa perspectiva de ajustes de contas com o passado, hesitando em reivindicar a herança paterna ou até mesmo repudiando-a, ou, ao contrário, assumindo com orgulho a herança ancestral. Na verdade, remexer o passado dos ancestrais é também um pretexto para melhor conhecer-se a si mesmos para desvelar os fantasmas desse passado ligados a fatos ocorridos em um tempo anterior a seus nascimentos ou quando ainda eram demasiadamente jovens para entendê-los.

Desejamos apresentar dois romances que podem ser considerados como de filiação por serem construídos com base na rememoração de memórias paternas que se tornam dramáticas pela ausência desses pais e pelo desejo de seus narradores de preencher lacunas correspondentes a largos períodos em que ficaram afastadas do convívio paterno, elemento gerador de carências afetivas e de ressentimentos. O preenchimento dessas lacunas, seja através de diários recebidos como herança ou de encontros imaginários e fantasmáticos, contribui para uma melhor compreensão de si próprios e para o reencontro consigo mesmos. A urgência é realizar o inventário da herança paterna para poder efetivar a transmissão “geradora de sentido”, de que falava Paul Ricoeur (1985).

### La Ballade d'Ali Baba<sup>4</sup>

Livro dedicado aos quarenta ladrões em referência à lenda de Ali Baba e dos 40 ladrões, remetendo à figura do pai, aficcionado por jogos de azar e cuja vida foi uma sucessão de perdas e ganhos, caracterizada por uma desconcertante irresponsabilidade em relação à família, tendo sumido repentinamente, sem nenhum anúncio, regressando quarenta anos mais tarde.

Dedicar o livro aos quarenta ladrões, que roubaram a presença de seu pai, durante toda sua adolescência e vida adulta, é bastante relevador do enorme peso dessa ausência que limitou sua convivência com o pai somente até a idade de 11 anos. As recordações das viagens com o pai entre os 9 e os 11 anos correspondem à emergência dos vestígios memoriais que restaram de sua juventude “chauve d'ancêtres”<sup>5</sup>, para retomar a expressão de Gaston Miron, em referência ao Quebec. Suas lembranças se resumem a duas viagens: uma a Key West, na Flórida para onde foi de carro dirigido pelo pai, e outra a Las Vegas onde o pai a deixava com uma cuidadora para passar as noites no jogo.

Esse curto tempo de relação afetuosa com o pai é o tempo remanescente, ressurgente que não cessa de existir, fazendo do presente uma revivescência do passado. O momento crucial desse romance acontece no capítulo intitulado *Montréal, février 2013, sous la neige*, portanto 43 anos após a viagem a Las Vegas que havia sido realizada em 1970. Sob a quase invisibilidade de uma tempestade de neve, a narradora Erina, que significa poesia em grego, percebe a figura de um velho, cambaleante que ela reconhecerá após um esforço como sendo seu pai que havia falecido nove meses antes. Prevendo sua queda, Erina corre para ampará-lo e confirma seu pressentimento de que o velhinho era mesmo seu pai. O velho se põe a elogiar o sucesso de Erina como escritora, afirmando ter lido seus livros e reclamando que neles ela nunca mencionara a figura do pai. Imediatamente, e de modo muito sedutor, o pai a convence a subir com ele a seu apartamento onde ela encontraria Sofia, sua atual companheira. Inaugura-se o tempo do Acontecimento, do instante mágico de Kairos, já que o encontro se dá entre um morto e uma pessoa viva. Temos aqui temporalidades que se bifurcam, para remeter à bela imagem de Jorge Luis Borges, que nos fala em

infinitas séries de tempo, numa rede crescente e vertiginosa de tempos divergentes, convergentes e paralelos. Essa trama de tempos que se aproximam, se bifurcam, se cortam ou que secularmente se ignoram, abrange *todas*<sup>6</sup> as possibilidades (Borges, 2007, p. 92).

Todas as personagens curtem o momento flutuante nas asas de Kairos (instante) e Aion (eternidade), comendo, bebendo e dançando no minúsculo *studio* de Vassili. Ao final da *soirée*, Erina se indaga sobre como proceder diante do fantasma de seu pai, Vassili, que introduz o tema de uma passagem de *Hamlet* que ele alega ter lido em um dos livros escritos por Erina, universitária e especialista na obra de Shakespeare:

Le temps est hors de ses gonds. Ô sort maudit/  
Qui veut que ce soit moi qui aie à le rétablir<sup>7</sup> (Hamlet, cena 5, ato 1).

No caso, o “fantasma” do pai se interessa por Hamlet, peça de Shakespeare em que abundam aparições espectrais do rei, pai de Hamlet, assassinado por seu tio Cláudio que se apossa do trono e se casa com a viúva.

Vale aqui comentar a menção de Jacques Derrida sobre o tempo em Hamlet e seu impacto sobre a obra de Karl Marx. Autor de uma obra intitulada *Espectros de Marx*, Derrida alude à influência da citação de *Hamlet*: “Time is out of joint” (O tempo está disjunto/ Le temps est hors de ses gonds) sobre a obra de Marx. Segundo o autor, “trata-se do tema da disjunção, da não-contemporaneidade a si mesmo” (Derrida, 1990).

Ao final da *soirée* fantasmagórica, Vassili faz um pedido à filha: pede que ela desenterre suas cinzas da sepultura que fora mandada edificar por sua esposa, mãe de Erina, na qual ele não se sentia confortável, pois detestava mausoléus e cemitérios. Estabelece a data do solstício de verão para que o trabalho seja feito: retirar as cinzas para que sejam espalhadas e não sepultadas. Irina irá cumprir esse desiderato com o auxílio do fantasma do pai que reaparece em plena noite de luar do primeiro dia do verão. O que fazer com as cinzas? O pai ao desaparecer novamente afirma que tem certeza de que ela saberá onde espargi-las.

Erina segue com as cinzas em longa viagem até Key West, lugar circundado pelo mar onde esteve com o pai em sua infância. Lá cumprirá a promessa feita ao pai, dispersando suas cinzas na baía e voltando a reconciliar-se com o tempo e com a memória,

após cumprir a tarefa destinada a *Hamlet* de restabelecer a temporalidade que fora desarticulada (“time is out of joint”). Trata-se de restabelecer a continuidade, quebrada pela interrupção disruptiva provocada pela aparição fantasmática.

Foi através da literatura que a narradora fez ela própria a experiência da disrupção do tempo, vivenciando a diferença entre Cronos, o tempo do “presente vivo, dos corpos e das misturas” e Aion, o tempo do sentido, “que inclui o passado e o futuro ilimitados, sendo o tempo do sentido” (Monegalha, 2018, p. 88). Com Cronos, só o presente existe; desse modo, a cronicidade não fora capaz de promover o reencontro com o pai. O reencontro vai se dar na perenidade de Aion onde a narradora encontra, pela revisitação de textos literários, os “remanescentes memoriais” ali depositados. A chave para desfazer a longa ausência do pai foi buscada em *Hamlet* que também procurava alento para seus tormentos revisitando o fantasma do pai. Essa é uma das mais prodigiosas funções da literatura: oportunizar as “ressurgências de um mundo em potência que permanece sempre em estado nascente” (Ouellet, 2019, p. 29). O texto shakespeariano evoca o fantasma do pai e o entendimento de que “o tempo se bifurca perpetuamente rumo a inumeráveis futuros” (Borges, 2007, p. 92).

Em Mavrikakis, o trabalho de representificação do pai é uma tentativa de dizer o que foi calado, de ouvir do pai o que sempre quis ouvir: elogios a seu trabalho como escritora e professora, valorização de seu ofício e de seu sucesso profissional. Tentar recompor o tempo que esteve fora dos eixos (*out of joint*) – o tempo da disruptura – correspondeu, para a narradora, a imaginar que seu pai tivesse tido uma velhice feliz com uma companheira que o entendia. Preencher a matéria da ausência equivale, na verdade, a recolocar o mundo nos trilhos, a restabelecer a continuidade interrompida.

Evocar aqui o artigo de Fernando Catroga, intitulado “O culto dos mortos como uma poética da ausência”, torna-se oportuno na medida em que o autor menciona a estreita ligação entre o culto dos mortos e a memória. Sendo a memória a presença de uma ausência, o fato de a narradora presentificar o pai desaparecido e imaginá-lo solicitando a ela que remova suas cinzas do túmulo para espargi-las em lugar de sua escolha, corresponde ao que Catroga chama de “poética da ausência” que seria um modo de tornar presente o que não existe mais (Catroga, 2010, p. 168).

Com base nos inúmeros e densos artigos e livros assinados por Catroga, Maria Cleci Venturini, em artigo de 2017, nos lembra que “representificar o que já não existe mais e está ameaçado de cair no esquecimento é uma forma de pagar a dívida do presente em relação ao passado” (2017, p. 133). Como sabemos, tanto a memória quanto a imaginação podem convocar um “objeto ausente” para torná-lo presente.

No texto de Mavrikakis, a filha e o espectro do pai se encontram diante do túmulo para a retirada das cinzas. Vale lembrar que a etimologia de túmulo é *sema* e depois *signo*, sendo o túmulo, portanto, o signo dos mortos. O túmulo foi criado para se contrapor ao esquecimento, por isso, desde a mais remota antiguidade, deixar um corpo insepulto era a indignidade máxima, já que o corpo enterrado e sepultado poderá ser rememorado e reverenciado.

Túmulo deve ser lido como uma totalidade significante que articula dois níveis bem diferenciados: o *invisível* (situado debaixo da terra) e o *visível* o que faz [...] com que ele seja ‘um monumento colocado no limite de dois mundos’. Se a invisibilidade cumpre na clandestinidade o trabalho higiênico da corrupção, a acamada semiótica tem por papel encobrir o cadáver, transmitindo às gerações vindouras os signos capazes de individualarem e ajudarem a re-presentação, ou melhor à *re-presentificação* do finado. É por causa destas características que é lícito falar, a propósito da linguagem cemiterial, de uma ‘poética da ausência’ (Catroga, 2010, p. 168).

Se o túmulo está, portanto, associado à preservação da memória, por que o pai faz questão de que suas cinzas sejam retiradas do túmulo e espargidas no mar, o que foi efetivamente feito pela filha? Em sua vida, o pai (Vassili), de origem grega, que veio como imigrante para os Estados Unidos e depois para o Canadá, levou uma vida nômade por excelência sem nunca se deixar prender a nada, nem mesmo à família. Então faz todo o sentido que ele não quisesse ficar “aprisionado” em um túmulo que fora mandado erigir pela esposa, mãe de Erina. Aceitar a incumbência de “roubar” as cinzas do cemitério, transportá-las para longe, para um lugar onde a narradora tem as mais gratas lembranças de infância com a presença do pai, corresponde, de certa forma, por parte da filha, a aceitar o nomadismo do pai:

Tout à l’heure, je te précipiterai dans l’eau qui clapote devant le quai à Mallory Square et tu t’éparpilleras en mille fictions, Une mouette

riuse s'approchera de moi et viendra me regarder déballer le pot de sucre qui te contient. Elle attrapera au vol quelques morceaux de toi qui n'atteindront pas l'eau et s'agitent un instant dans l'air un peu frais du matin (Mavrikakis, 2014, p. 192)<sup>8</sup>.

### ***O inventário das coisas ausentes: presença e ausência nas temporalidades***

Carola Saavedra<sup>9</sup> se insere no cenário da literatura brasileira contemporânea como uma escritora reconhecida e premiada, cujos romances e contos se caracterizam pela multiplicidade de vozes, tempos e espaços, privilegiando uma narrativa não linear em que a memória desempenha papel de relevância. Carola Saavedra nasceu em Santiago do Chile, em 1973, é escritora e tradutora, mudou-se para o Brasil com três anos de idade. Morou na Espanha, na França e na Alemanha, onde concluiu um mestrado em Comunicação.

Em *O inventário das coisas ausentes* (2014) a escritora aborda a temática da ausência intercalada com a procura pelo amor e seus desdobramentos em diferentes contextos; são histórias que se interligam e, ao mesmo tempo, se distanciam, demonstrando uma capacidade criativa de envolver e prender a atenção do leitor. O romance está dividido em duas grandes partes, denominadas *Caderno de anotações e Ficção*. Na primeira parte, observa-se o processo de elaboração de um romance por parte do narrador, intercalado com a história e o envolvimento desse escritor com Nina, bem como informações relativas ao passado de Nina e da genealogia familiar.

Ainda integram a primeira parte do livro histórias de encontros e desencontros de casais, tendo como elo principal o amor e suas diferentes manifestações e, consequentemente, a perda desse sentimento. Esses fragmentos de histórias paralelas estão relacionados com a segunda parte do livro, pois é possível identificar algumas semelhanças entre as histórias dos personagens.

A segunda parte é composta por uma narrativa forte e de dominação por parte do pai do narrador/escritor, em que se evidenciam o conteúdo dos diálogos travados entre pai e filho, interligado com o cotidiano do relacionamento estabelecido entre o narrador/escritor e Nina. Aliado a isso, também, encontram-se fragmentos da história de vida do pai do narrador e a descrição do último encontro entre ambos, isto é, a entrega da caixa com

os dezessete cadernos escritos pelo pai ao filho, o momento da entrega de uma espécie de herança ao filho, cujo objetivo é tentar minimizar os desentendimentos e desencontros característicos na convivência dos dois.

Cabe mencionar que o narrador/escritor não é nominado, em contrapartida com os demais personagens, essa ausência de nome pode estar relacionada com a incapacidade de lidar com a própria história. Ao narrar os acontecimentos que integram o passado familiar de Nina, nominando os personagens e detalhando com informações de suas personalidades, também está em desenvolvimento uma narrativa da própria história familiar em que busca se descobrir enquanto indivíduo. Ao compor o personagem Nina, detalha elementos que não conhece em si mesmo e visa por meio da escrita um entendimento para sua trajetória de vida, bem como dos enfrentamentos e desentendimentos vivenciados com o pai.

*O inventário das coisas ausentes* (2014) é um romance que desconstrói a estrutura linear e insere episódios que parecem, à primeira vista, desconexos, mas que ao final da leitura permitem estabelecer uma ligação entre eles sem, contudo, representar uma história ou narrativa sequencial e limitada a uma ordenação dos acontecimentos. Os episódios narrados são apresentados gradativamente, como fragmentos de um grande painel cujas lacunas devem ser imaginadas e organizadas a partir da subjetividade do leitor.

A escritora Carola Saavedra desenvolve uma produção que, ao mesmo tempo, apresenta acontecimentos, personagens, espaços interagindo em tempos variados, bem como oportuniza uma leitura que incita a imaginação e a criação de pontos e/ou elos entre os personagens. É necessário observar com atenção e aprofundar a leitura de modo a perceber que os tempos são variados e a memória é a base na qual se estrutura toda a narratividade em *O inventário das coisas ausentes*.

Verifica-se a presença de uma anterioridade e ancestralidade tanto da personagem Nina, quanto do narrador, permitindo com isso que acontecimentos do passado possam emergir na produção escrita, ao mesmo tempo em que revelam informações peculiares a respeito de seus grupos familiares. Dessa forma, o romance pode ser considerado uma narrativa de filiação, uma vez que é identificável a busca pelas origens, que nas palavras de Viart (2008, p. 82) caracteriza-se por “[...] savoir qui on est en interrogeant ce dont on hérite<sup>10</sup>”.

A herança é trabalhada a partir da (re)elaboração de um passado que resultou em acontecimentos capazes de explicitar ou questionar o produto resultante no presente – os dezessete cadernos<sup>11</sup> - no caso, o narrador de *O inventário de coisas ausentes* (2014). O passado não é entendido como modelo do qual se possam extrair lições ou moralidade, ele se destina a refazer uma ligação com aquilo que foi interrompido e/ou falho.

Neste sentido, a memória do narrador, articulada com a memória dos personagens, não manifesta a intenção de apresentar os acontecimentos de forma linear, nem com certo encadeamento, ao contrário, os fragmentos das memórias se apresentam a partir da percepção, da emotividade e da intencionalidade em apresentar determinado acontecimento. Essa memória que se abre aos buracos vai sendo exposta, deixando registradas impressões daqueles que guardaram em seu interior episódios marcantes e que integraram sua trajetória de vida.

No contexto do romance, a memória emerge a partir da rememoração, isto é, de forma espontânea, fragmentada e intimamente ligada aos sentimentos do narrador, pois no entender de Jeanne Marie Gagnebin (2009) a rememoração

[...] representa aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalçado, para dizer, com hesitação, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras. A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa a transformação do presente (Gagnebin, 2009, p. 55).

Ao rememorar, o indivíduo está lembrando de fatos, de acontecimentos e de pessoas que povoaram seu passado e, ao mesmo tempo, está ressignificando o presente, estabelecendo novas relações com o tempo pretérito, concebendo-o como algo que pode ser acessado e que não está fechado no tempo para novas interpretações e entendimentos.

Essas novas possibilidades de interpretações e de entendimentos são identificáveis nos fragmentos relacionados à história familiar de Nina e também da própria história familiar do narrador que, para conseguir estabelecer uma relação de amor, de respeito à individualidade e de companheirismo com Nina, precisa ressignificar a convivência

com a figura paterna e, ao mesmo tempo, buscar um entendimento para seus sentimentos e emoções. É uma espécie de investigação sobre quem ele é e como sua existência teve origem, mas essa investigação surge a partir de Nina e da necessidade de contar a história dos seus familiares que, posteriormente, desdobra-se na própria história do envolvimento entre o narrador e Nina, culminando em uma necessidade/vontade de ressignificar o passado, de compreender as atitudes e os comportamentos adotados no presente e buscar, a partir desse exercício, a projeção de um futuro.

Torna-se possível identificar o ‘inventário’ como um tipo de levantamento, ou de investigação a envolver o que está relacionado ao contexto familiar. O inventário é a busca que o narrador empreende com o objetivo de conhecer o outro e também a si mesmo, refletindo dessa maneira a outridade que habita cada individualidade, pois como enfatiza Laurent Demanze (2008, p. 09): “C'est au miroir de l'autre que se découvre l'individu contemporain”<sup>12</sup>.

No contexto do livro, esse inventário de coisas ausentes se refere à busca por algo que não está mais presente e também pode não ter existido, ter sido deixado de lado, rechaçado e /ou negligenciado; já a ausência está ligada ao sentimento de perda, de abandono, de sofrimento, tais como solidão, medo, desamparo. O tema proposto no livro remete à investigação do que não foi dito, do que ficou submerso e/ou adormecido na convivência familiar, aqueles segredos mais íntimos, os sentimentos em seu estado de pureza e despreensão, as decisões tomadas e suas consequências inevitáveis; enfim, envolve o que permanecia e/ou estava situado na escuridão do passado familiar. É nessa escuridão que um raio de luz vai proporcionar o ressurgimento de informações que possibilitem novos desdobramentos e, conseqüentemente, novos caminhos a serem percorridos.

Ao conceder visibilidade para diversos contextos que integram a história familiar de Nina e também a do narrador, é possível identificar que esse raio de luz direcionado ao passado também dialoga com as percepções do narrador, ao mencionar que gosta de escrever

[...] quando o mundo inda não acabou de começar. Gosto desses momentos intermediários, alvoradas, crepúsculos. Nos trópicos eles são rápidos, quase instantâneos, é necessário estar atento, qualquer distração e o mistério desapareceu, não está mais lá (Saavedra, 2014, p. 35).

Portanto, são nessas frações de segundo que a rememoração possibilita que o passado seja revisitado e, com isso, ofertam-se ao leitor novas possibilidades de interpretação, configurando-se em um instante de renovação no qual presença e ausência podem ser identificáveis com suas ambivalências.

É importante ressaltar que, no romance, a ausência não é o antônimo da presença, pelo contrário, ausência e presença se intercalam de tal modo que na ausência é perceptível a presença, e na presença é identificável a ausência. A ausência de um corpo físico suscita a presença de informações do passado e, conseqüentemente, a presença de algo palpável, como um corpo físico, não cessa de modo integral a ausência de percepção e sentimentos relacionados à forma. Nesse sentido, pode-se mencionar que o enredo do romance proporciona que o passado se torne parte integrante e atuante no presente, isto é, a presença de informações familiares, tanto do narrador quanto de Nina, materializa-se nos cadernos recebidos e seu conteúdo é capaz de proporcionar um rememorar no tempo presente. Adotando a postura de um investigador, o narrador escava ausências familiares de modo a transformar tais ausências em uma presença no presente e, conseqüentemente, na presença de uma ausência.

No enredo é possível perceber que a aproximação física não é prerrogativa para a presença, ao contrário, pode revelar uma ausência desconcertante e desesperadora. Situação vivenciada pelo escritor/narrador do romance ao revelar a convivência perturbadora e traumática no ambiente familiar, especialmente em sua relação com o pai.

A presença física, proximidade entre pai e filho não foi capaz de aplacar os efeitos da ausência de sentimentos fraternais e de companheirismo, tornando difícil de serem superados sentimentos antagônicos, como amor e ódio, perdão e acusação, aproximação e distanciamento. Portanto, nota-se uma ausência na presença que, após o início da leitura dos cadernos de anotações recebidos pelo pai, evidencia também, uma presença na ausência, demonstrando o quanto a memória é versátil e adaptável a variados contextos existenciais. O pai do escritor/narrador escreve com a intenção de tornar-se presente na vida do filho, após a morte.

E quando eu morrer, finalmente morrer, quero que você os leia, um por um, linha a linha, palavra a palavra, estão numerados, leia na ordem da

numeração, é importante, leia atentamente, preste atenção aos detalhes, às minúcias, tudo tem significado, tudo é essencial, cada vírgula, cada palavra, e, eu tenho certeza, quando terminar a leitura você vai entender, finalmente você vai entender, e talvez me despreze um pouco menos, você vai entender, meus motivos, minhas preocupações, minhas batalhas, minhas lembranças, minhas impossibilidades, tudo o que eu fiz, desde o início, desde sempre. Porque estes diários foram escritos para você (Saavedra, 2014, p. 117).

Quando o pai estava presente, o filho sentia a ausência de sentimentos fraternos e quando o pai já está ausente, o filho se aproxima desses sentimentos e busca um entendimento de atos e acontecimentos que integraram a vida do seu antepassado, perfazendo dessa maneira um caminho de ressignificação da figura paterna por intermédio dos dezessete cadernos recebidos (herdados).

O jogo entre presença e ausência é perceptível na relação do narrador e de Nina, uma vez que quando estavam juntos, antes do sumiço de 14 anos de Nina e posterior ao seu retorno, o sentimento que rege a relação é intenso e profundo, porém o narrador tem dificuldades em lidar no cotidiano com as manifestações sentimentais e amorosas, desenvolvendo uma espécie de ausência na presença.

Você quase nunca me beija, ela reclama. É claro que eu te beijo, que ideia, pronto, acabo de te beijar. Nina esboça um sorriso, mas o seu olhar é tenso e melancólico. Eu a puxo para mais perto de mim. Queria te beijar mais vezes, eu penso, mas esqueço, quando vou ver o dia passou e a noite passou e eu esqueço, queria te beijar mais vezes, mas esqueço, eu quero dizer, mas ela não entenderia. Ficamos os dois em silêncio (Saavedra, 2014, p. 98).

A relação amorosa de Nina com o narrador também está permeada pela presença na ausência, identificada no momento em que ela vai embora e o entrega uma caixa com dezessete cadernos; contendo uma espécie de diário com informações de sua genealogia familiar, no intuito de estabelecer uma ligação entre eles, pois a presença física de Nina se transformou em ausência, mas esta ausência se faz presença na corporificação da caixa vermelha com os cadernos. Embora o narrador manifeste um desconforto em realizar a leitura dos cadernos, a presença de Nina está visivelmente impregnada nos sentimentos e atitudes. “[...] eu costumava olhar com desconfiança para eles, me deixavam de mau humor, raramente lia algum trecho, e quando o fazia,

me vinha a estranha sensação de que não era ela, não era aquela a sua história” (Saavedra, 2014, p. 26).

É importante salientar que Nina desapareceu da vida do narrador por 14 anos e esses cadernos foram as únicas informações que alimentaram o sentimentos dele em relação a ela, pois, após seu retorno, voltaram a estabelecer uma aproximação embora não seja evidente que tenha evoluído para um relacionamento, pois tanto um como o outro estão transformados pelos acontecimentos. “Talvez entre o eu te amo e o amor propriamente dito haja um espaço intransponível. Talvez o tempo que passa. Mas não apenas. Talvez um inevitável desencontro” (Saavedra, 2014, p. 64-65).

E é nesse tempo que não cessa de se deslocar por diferentes caminhos que a memória revisita o passado, permitindo que a narrativa intercale em sua estruturação as temporalidades, isto é, a representatividade de Cronos, o tempo cronológico e implacável que está situado no presente; de Aion, o tempo que se relaciona com o que já passou e o que está por vir, que se libertou da presença corporal e de Kairos, tempo da oportunidade e da ocasião.

No entender de François Jullien (1998), Cronos e Kairos são filhos de Aion, o tempo da eternidade e as características marcantes e também estruturantes desses dois irmãos são identificáveis como

[...] de um lado, o tempo construído pelo conhecimento, tempo regular, divisível, analisável, e portanto controlável; do outro, o tempo aberto à ação e constituído pela ocasião, tempo perigoso, caótico, e portanto ‘indomável’ (Jullien, 1998, p. 92).

Dessa forma, pode-se mencionar que Cronos é um tempo quantitativo, enquanto Kairos é um tempo qualitativo, isto é, aquele momento de não cessa de aparecer, mas precisa do poder de decisão do indivíduo para interferir na sua manifestação.

No romance de Carola Saavedra é possível identificar o tempo cronológico agindo nos personagens, como exemplificação dessa ação, menciona-se a genealogia familiar de Nina e a e consequente transformação nos espaços submetidos aos efeitos de Cronos. Os fragmentos relacionados aos pais de Nina, aos avós paternos e maternos, aos tios e demais familiares deixam claro a presença de um tempo cronológico e as

transformações que essa ação provoca. Esse tempo quantitativo também está presente na relação do narrador com Nina, ao destacar que: “Conversamos longamente. Catorze anos, eu disse, desde que você sumiu sem dar nenhuma explicação e me deixando aqueles diários” (Saavedra, 2014, p. 39).

É um tempo que passa inexoravelmente, independente da vontade e do desejo de percursos, mas também não deixa de abrir outras temporalidades permitindo aos personagens do romance de Carola Saavedra realizarem uma multiplicidade de manifestações, pois conforme ressalta Pierre Ouellet (2019, p. 29) a “[...] literatura nos faz viver e reviver” e com isso (re)trabalhar o passado, considerando o futuro e aproveitando a oportunidade de continuar (re)significando a vida.

Para Gilles Deleuze (2007) só existe o presente no tempo, isto é, Cronos, que incorpora em sua constituição as dimensões do passado e do futuro, também conhecido como Aion.

Enquanto Cronos exprimia a ação dos corpos e a criação das qualidades corporais, Aion é o lugar dos acontecimentos incorporais e dos atributos distintos das qualidades. Enquanto Cronos era inseparável dos corpos que o preenchiam como causas e matérias, Aion é povoado de efeitos que o habitam sem nunca preenchê-lo. Enquanto Cronos era limitado e infinito, Aion é ilimitado como o futuro e o passado, mas finito como o instante (Deleuze, 2007, p. 170).

Relacionando o conceito de Cronos e Aion com o romance *O inventário de coisas ausentes* (2014), pode-se dizer que Cronos está ligado às atividades rotineiras dos personagens e do narrador, além de incluir a presença dos objetos, no caso específico, as caixas com os cadernos; já Aion pode ser representado pela leitura dos cadernos, tanto os recebidos do pai quanto os de Nina, pelo narrador e a criação literária que está em produção, pois intercala o instante que inclui o passado e o futuro. Com relação ao Kairos, a manifestação de oportunidades a partir do entrecruzamento temporal permite que tanto narrador quanto personagens aproveitem esse momento de rememoração para transformar as interpretações do passado e projetar um futuro, alterando de forma significativa as ações do tempo presente.

Olho o relógio. Ajeito as coisas sobre a mesa de trabalho, um porta-lápis, jornais, alguns livros empilhados. Sento-me ao computador,

abro o arquivo no qual venho trabalhando há meses: escrevo uma, duas frases. Um homem e seu pai, vinte e três anos. Em algum momento o pai diz: eu não tenho culpa de ter te posto no mundo (Saavedra, 2014, p. 59).

Portanto, a corporificação de Cronos cede lugar à libertação desse corpo para emergir das profundezas dos sentimentos e num instante situado no presente vislumbrar o entendimento do relacionamento conturbado com o pai, permitindo que Aion atue na constituição da narrativa e, a partir disso, decidir se vale a pena perdoar e ou simplesmente lamentar o acontecido, pois este é o momento oportuno para trabalhar com a ressignificação do tempo (Kairos).

Ao reescrever a história de vida do pai, o narrador incorpora em sua produção as temporalidades Cronos e Aion, uma vez que seu presente está entrecortado pelos instantes do passado e do futuro, sem, contudo, desconsiderar a oportunidade de registrar suas impressões da leitura realizada nos cadernos.

Cronos, Aion e Kairos se entrecruzam de maneiras inesperadas no decorrer da narrativa e não existe uma preocupação em estabelecer delimitações, ao contrário, a narrativa se apresenta com a predisposição de evidenciar as emoções existentes na busca pelo entendimento de suas origens e consequente constituição enquanto indivíduo. O narrador é envolvido com a sua produção literária na mesma proporção em que está vivenciando as (re)descobertas do passado familiar. “[...] Aion e Kairos nos dão a possibilidade de fabular, [...] nos permite alargar e intensificar o horizonte temporal onde vivemos” (Ouellet, 2019, p. 27).

O tempo presente que está corroendo o corpo físico, também é habitado pelo tempo passado e futuro, que representa a possibilidade de transformação do que está sendo vivenciado. É um jogo dialético em que o escritor/narrador precisa desesperadamente modificar o presente para conseguir (re)criar laços de consanguinidade com os familiares e, principalmente, conseguir ultrapassar o tempo devorador que está sufocando sua existência enquanto ser humano. Ao utilizar-se da investigação e da reflexão, os sentimentos carregados de mágoa e de sofrimento, relacionados ao passado de convivência com o pai, serão revisitados e ressignificados, permitindo que haja uma tentativa de entendimento do passado e, desse modo, venha a se estabelecer uma nova

forma de viver e conviver com os outros. Uma vez que no entender de Monegalha (2018, p. 93), “[...] Aion está vinculado diretamente à criação de sentido”, possibilitando que o narrador atribua sentido para as transformações a que o contexto familiar foi submetido e crie novos entendimentos para acontecimentos passados.

### Por uma poética da ausência

*Tu seras éternel. Tu seras dans tous les récits. Tu seras lové au cœur de tous les possibles.*

*Tu ne seras plus rien* (Mavrikakis, p. 193).

A história acaba quanto o tempo se esgota e o corpo que a escreve se esgota, a história acaba quando somos obrigados a nos livrar dela, para que outro a compreenda, e coloque em seu texto uma vírgula ou um ponto final. A história acaba, não, a história não acaba nunca (Saavedra, 2014, p. 120)

Podemos concluir que as partes finais de ambas as narrativas correspondem a encenações da **poética da ausência** que, de acordo Venturini, “pode ser definida como o modo de tornar presente o que não existe mais” (Venturini, 2017, p. 139).

O modo escolhido por Mavrikakis foi o avesso da tradição de erigir um túmulo para preservar a memória dos ancestrais. Aqui, no imaginário da filha narradora, a solidez do túmulo não combina com o nomadismo de um pai sempre ausente. Sua maneira de tornar presente sua insanável ausência, foi escrever sua história, associando-o à de Ali Baba, personagem que teve uma vida cheia de aventuras rocambolescas. A narrativa, que associa a figura do pai à do aventureiro cujas incontáveis peripécias fazem parte do livro das *Mil e uma noites*, eterniza, através da palavra escrita, a figura também inesquecível de um pai ausente e recompõe as disrupturas de sua trajetória, projetando-o como personagem que deverá povoar outras narrativas, dispersando-se em “mil ficções”. (p. 192). Como nos lembra Venturini (2017, p. 130): “[...] é através da mediação da linguagem e da sua materialização como *re-presentação* discursiva sobre o passado que se poderá *re-presentificar* as ausências ontologicamente irreversíveis”.

A **poética da ausência** é identificável no romance de Carola Saavedra, *O inventário das coisas ausentes*, no momento em que o narrador, utilizando-se do espelho do outro (Nina), (re)constrói a trajetória de vida do pai, com quem acalenta um conflito

de convivência e automaticamente busca, por intermédio na escrita, ressignificar o passado, na tentativa de entendimento do presente. A narrativa se presta ao mesmo tempo para descortinar o passado vivenciado pelo pai, registrar a história familiar de Nina e demonstrar o quanto os desencontros revestidos de ausências estão presentes na vida dos personagens.

Trata-se de uma narrativa que não respeita a cronologia do tempo, investe em uma forma de contar o enredo com fragmentos do passado e esses ganham significado à medida que irão expondo as mais íntimos sentimentos e convivências. O tempo referencial da transmissão é o passado, sendo que esse é negociado e dialogado no presente em prol de uma possibilidade de realização no futuro, isto é, o passado adquire sentido ao se inscrever no espaço presente e sobretudo no que está por vir e se transformar em uma realidade concreta e justificável.

Percebemos nas duas obras o jogo entre a visibilidade e a invisibilidade, a ausência e a presença, constituindo um equilíbrio instável. Os narradores se libertam do círculo vicioso da invisibilidade pela escritura e se reconstróem na tentativa de se tornarem visíveis, presentes e audíveis já que é, segundo Pierre Ouellet, “no movimento incessante das palavras e das figuras que a memória se diz e se revela” (Ouellet, 2012, p. 8). Ambos escrevem para se (re)conhecerem através da escritura, compondo obras que desconcertam pela crueza das descrições e por chegarem – como afirma Viart (2008, p. 13) “[...] là où on ne les attend pas. Elles échappent aux significations préconçues, au prêt-à-penser culturel”<sup>13</sup>.

Ambas as narrativas se constituem como romances de filiação, também chamados de “roman familial” por Laurent Demanze que o define como romance da perda “qui parvient, à force de détours et de travestissements, à maintenir, sous une forme réélaborée, les parents de jadis” (Demanze, 2008, p. 17)<sup>14</sup>. Sendo os romances analisados narrativas da perda e da ausência, os narradores problemáticos levam longo tempo para sentirem-se como legítimos herdeiros dos pais e para poder realizar a tarefa essencial da memória que é a transmissão. Os romances acontecem como uma necessidade de realizar a transmissão geradora de sentido de que falava Paul Ricoeur (1985).

Ambos são herdeiros problemáticos em busca de rastros disjuntos de um passado vivido longe dos pais, cuja memória precisa ser reconstruída antes de ser revelada

e compartilhada com os leitores em forma de ficção. A escritura gerada após essa reconstrução memorial vai constituir o que Laurent Demanze (2008, p. 37) chama de “[...] signification manquante d’existences échouées”<sup>15</sup>, porque aquele que herda tem o poder de escolher o que deseja incorporar como herança.

## References

ASSMANN, Aleida. *Espaços de recordação; formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp, 2011.

BERND, Zilá. *A persistência da memória; romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional*. Porto Alegre: Besouro Box, 2018.

BORGES, Jorge Luís. O jardim de veredas que se bifurcam. IN: BORGES, J.L. *Ficções* (1944). São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Trad. De David Arrigucci. Jr. p. 80-93.

CATROGA, Fernando. O culto dos mortos como uma poética da ausência. *Artcultura*, Uberlândia, jan.-jun. 2010, v.12, n.20, p. 163-182.

DEMANZE, Laurent. *Encres orphelines*. Paris: José Corti, 2008.

DELEUZE, Gilles. Vigésima terceira série: do Aion. In: DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 167–173.

FAEBER, Johan. *Après la littérature; écrire le contemporain*. Paris: PUF, 2018.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

JULLIEN, François. *Tratado da eficácia*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: ed. 34, 1998 (Coleção TRANS).

MAVRIKAKIS, Catherine. *La ballade d’Ali Baba*. Paris: Hélio trope, 2014.

MILAN, Betty. Entrevista com Jacques Derrida em Paris. “Derrida caça os fantasmas de Marx”. Especial para a Folha de São Paulo. Caderno + mais, 26/06, 1994. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/6/26/mais!/24.html>>.

MONEGALHA, Fernando. O tempo do sentido: Cronos e Aion no pensamento deleuziano. In: O Mangueral, v.1, n. 2, p. 88-95, jan/jun. 2018.

OUELLET, Pierre. O tempo remanescente; resistência da história e persistência da memória. In: BERND, Z.; GRAEBIN, C.M.; VENERA, RAQUEL (orgs.). *Patrimônio e Memória: narrativa, rememoração e reminiscência*. Canoas: UnilaSalle editora, 2019. Vol 11 série Memória e Patrimônio. Tradução do francês por Zilá Bernd. p. 15-30.

\_\_\_\_\_. *Le monde d’après : Mémoire et post-histoire*. Chaire de recherche du Canada en esthétique et poétique. Université du Québec à Montréal, 2008.

\_\_\_\_\_. *Testaments; le témoignage et le sacré*. Montréal : Liber, 2012

RICOEUR, Paul. *Temps et récit*. III. Paris: Seul, 1985.

SAAVEDRA, Carola. *Biografia* - Carola Saavedra. Disponível em: <<https://carolasaavedra.wordpress.com/biografia/>>. Acesso em: 20 out. 2019.

\_\_\_\_\_. *O inventário das coisas ausentes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

VIART, Dominique. Récit de filiation. In: VIART, D.; VERCIER, B. (éds.) *La littérature française au présent*. Paris : Bordas, 2008. p. 79-101.

VENTURINI, Maria Cleci. História e memória em (dis)curso: Fernando Catroga e a poética da ausência. *Interfaces*, vol. 8, ed. Especial, 2017, p. 127-145.

## Notes

- <sup>1</sup> Professora e orientadora do PPG Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle; Pesquisadora 1B Cnpq; Porto Alegre, RS, Brasil. zilabster@gmail.com. Redigiu a introdução, o texto sobre Mavrikakis e as conclusões.
- <sup>2</sup> Servidora da UFRGS; Doutora em MSBC/Unilasalle, Porto Alegre, RS, Brasil, tanira\_soares@yahoo.com.br Redigiu o texto Martha Batalha, participando da redação das conclusões e da confecção das referências em conjunto com Zila Bernd.
- <sup>3</sup> BERND, Zilá. *A persistência da memória*; romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional. Porto Alegre: Besouro Box, 2018.
- <sup>4</sup> A obra foi publicada em 2014, tendo sua autora Catherine Mavrikakis publicado diversos livros como *Le ciel de Bay City* (2009) e *Lesderniers jours de Smokey Nelson* (2012). A autora, hoje figura exponencial na literatura quebequense, é professora de literatura na Université de Montréal, sendo filha de mãe francesa e pai grego. Nasceu em Chicago em 1961.
- <sup>5</sup> Careca de ancestrais.
- <sup>6</sup> O grifo é do autor.
- <sup>7</sup> O tempo está disjuncto/deslocado (em inglês: out of joint). Ó sorte maldita/ que quer que seja eu quem deva restabelecê-lo.
- <sup>8</sup> Logo eu te precipitarei na água que tremula diante do cais de Mallory Square e tu te dispersarás em mil ficções. Uma gaiota sorridente se aproximará de mim e virá me olhar desembalar o pote de açúcar que te contém. Ela pegará no voo alguns pedaços de ti que não chegarão até a água e se agitarão um instante no ar fresco da manhã.
- <sup>9</sup> É autora dos romances *Toda terça* (2007), *Flores azuis* (2008), eleito melhor romance pela Associação Paulista dos Críticos de Arte e finalista dos prêmios São Paulo de Literatura e Jabuti, e *Paisagem com dromedário* (2010), Prêmio Rachel de Queiroz na categoria jovem autor, finalista dos prêmios São Paulo de Literatura e Jabuti. Participou de diversas coletâneas de contos e seus livros estão sendo traduzidos para o inglês, francês, espanhol e alemão. Está entre os vinte melhores jovens escritores brasileiros escolhidos pela revista Granta (Saavedra, 2019).
- <sup>10</sup> [...] saber quem somos questionando o que herdamos.
- <sup>11</sup> Cabe mencionar o que número de dezessete cadernos recebidos pelo narrador fazem referência primeiramente a uma caixa recebida de Nina, antes de sua viagem. “[...] os diários de Nina. Dezessete no total. Pelas datas, cobriam os últimos cinco anos” (Saavedra, 2014, p. 25). E, também, é o mesmo número de diários entregues pelo pai ao narrador, contendo “[...] a memória de toda uma vida, todos os acontecimentos, o que eu nunca disse nem a você nem a ninguém, a infância, a casa dos meus pais, a pobreza dos meus pais, a dificuldade em sobreviver” (Saavedra, 2014, p. 103).
- <sup>12</sup> É no espelho do outro que o indivíduo contemporâneo se descobre
- <sup>13</sup> Lá onde não se espera. Elas escapam às significações pré-concebidas do pronto-para-pensar cultural.
- <sup>14</sup> O romance familiar é uma narrativa da perda que consegue, à força de desvios e de travestimentos, manter, sob uma forma reelaborada, os pais de outrora.
- <sup>15</sup> A significação que faltava em existências fracassadas.